

À COMUNIDADE ESTUDANTIL: UM ACESSO À CRÍTICA LITERÁRIA – A LITERATURA NO VESTIBULAR, À LUZ DA MEMÓRIA DE UM PROJETO

MARIA DE FÁTIMA CRUVINEL**

RESUMO

O propósito inicial deste artigo é delinear a história do projeto de extensão “À Comunidade Estudantil: um Acesso à Crítica Literária – Seminário dos Livros Literários do Vestibular”, idealizado e coordenado pela Subárea de Português do Cepae/UFG, e com isso dar a conhecer um pouco da extensão realizada por este Centro. Para além do resgate da história dessa ação de extensão, esse exercício de memória e escrita impõe que se problematize a difícil relação entre literatura e escola, mediante experiências e depoimentos dos sujeitos leitores envolvidos no projeto em questão, e se evidencie a função da arte literária no espaço escolar, especialmente, no concurso vestibular.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, formação de leitores, vestibular, extensão acadêmica, Cepae/UFG

For the student community: access to literary criticism – literature in the university entrance examination in the light of the memory of a project

ABSTRACT

The initial purpose of this paper is to outline the history of the outreach project “For the student community: access to Literary Criticism – A Seminar on works of literature for the university entrance examination”, an initiative conceived and coordinated by the Cepae / UFG Portuguese subdivision. The article also aims to make known the Center’s outreach work. Apart from tracing the history of this outreach activity, this exercise of remembering and writing down obliges one to problematize the uneasy relationship between literature and school through the experiences and testimonies of the reader subjects involved in the project in question. It also highlights the role of literary art in the school, especially in the university entrance examination.

KEYWORDS: literature. forming readers, university entrance examination, academic outreach. Cepae / UFG

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada no 19º Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, no ano de 2009.

** Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/UFG. Doutora em Estudos Literários pela Unesp-Araraquara. E-mail: fatimacruvinel@uol.com.br

A função da literatura é a de nos nutrir de impulsos.
Ezra Pound

1 PALAVRAS INICIAIS

A formação de leitores sempre foi projeto do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás – Cepae/UFG, desde sua configuração como Colégio de Aplicação. Por esse motivo, a disciplina Língua Portuguesa teve sempre acentuada a prática de leitura em seu projeto de ensino e, conseqüentemente, de formação dos futuros professores da área, no estágio curricular. Uma das justificativas para a ênfase na prática leitora, especialmente do gênero literário, é a compreensão da função humanizadora da literatura, bem como do direito de todo cidadão a esse bem cultural, para dialogar com Candido (1972; 1995). Dessa perspectiva, a prática de leitura literária realizada no Cepae remete-nos irremediavelmente a um professor, cujo nome merece ser lembrado, com certa deferência e muita saudade de sua presença na escola, como um dos grandes incentivadores da leitura: Geraldo Faria Campos. Jamais se viu, em circunstâncias em que é instado a lembrar-se de sua formação no Cepae, um ex-aluno desse Professor deixar de referir-se, com gratidão, ao gosto pela leitura alcançado pela mão e voz do *genial* Professor Geraldo, para usar aqui um adjetivo que ele, crítico mordaz quase sempre, usava para qualificar aquilo de que gostasse.

Mas, independentemente das prerrogativas do trabalho com livros literários no Cepae, indiscutível espaço repositório de memoráveis práticas de leitura – nos níveis fundamental e médio, por professores e alunos –, deve-se considerar a etapa que precede o concurso vestibular e sua exigência de conhecimentos de literatura. Bem ou mal, o estudante tomaria conhecimento de questões relativas ao gênero literário e das obras indicadas – a exemplo do processo seletivo da UFG –, ainda que seu objetivo fosse única e exclusivamente a aprovação no referido concurso. Contudo, a experiência em turmas do terceiro ano, séria em que o aluno se prepara para o ingresso no ensino superior, tem mostrado que a obrigatoriedade da leitura para um fim pontual e pragmático pode contribuir significativamente para a formação do leitor.

Essa constatação se reafirma em um projeto realizado fora do espaço da sala de aula do Cepae e para além da comunidade estudantil desse Centro. Sua apresentação aqui tem por finalidade compor a memória das ações do Cepae e, concomitantemente, alimentar a reflexão sobre a literatura no vestibular e a formação de leitores. Assim, o propósito deste texto é o de apresentar algumas reflexões motivadas por um projeto de leitura – uma ação de extensão realizada pelo Cepae, intitulada “À comunidade estudantil: um acesso à crítica literária – Seminário dos Livros do Vestibular/UFG”, cujo objetivo principal é proporcionar aos vestibulandos, especialmente os oriundos de escola pública, o acesso a uma leitura crítica das obras, bem como o contato com alguns escritores. O que se pretende considerar, particularmente, é o redimensionamento do projeto e, por conseguinte, o deslocamento dos sujeitos envolvidos: de apoio aos vestibulandos à formação de jovens leitores que, a despeito do vestibular, usufruem da experiência estética e refletem sobre o homem e a realidade, pela via da palavra literária.

2 A LITERATURA NO VESTIBULAR UFG

Não há dúvida de que nos e últimos anos no Brasil a distribuição do livro foi ampliada, se considerarmos as políticas públicas e os programas do governo para a aquisição de livros literários direcionados à escola básica, assim como se pode constatar o crescimento dos mercados editorial e livreiro, mas há que se perguntar se o acesso a esse bem cultural tem sido democratizado e se as práticas de leitura têm se efetivado e alcançado eficácia no que se refere a garantir a experiência estética dos jovens leitores. Inúmeros estudos têm investigado a leitura literária na escola e entre os tantos textos, objeto da aula de Língua Portuguesa, os pertencentes ao gênero literário parecem demandar maior atenção dos professores, por implicar exigências de várias ordens e requerer certa “vontade” do leitor. Contudo, numa sociedade em que imperam práticas determinadas pela velocidade e efemeridade, mesmo considerando os novos suportes eletrônicos de textos, a leitura do livro integral, que exige certo isolamento, concentração e demora, não se realiza como um exercício cotidiano, sobretudo quando se trata de gêneros nem sempre escolhidos para figurar nas atraentes prateleiras das livrarias, tampouco nas listas dos “mais vendidos”.

Assim, no nível médio de ensino, uma boa justificativa para a prática da leitura literária, especialmente para a leitura de livros considerados referência da literatura, seria o fato de o processo seletivo vestibular exigir conhecimentos literários, os quais algumas instituições procuram garantir com uma lista de títulos indicados como leitura obrigatória. Entendida como importante patrimônio cultural de uma nação, que proporciona aos que dela usufruem o desenvolvimento da consciência crítico-reflexiva, a literatura integra o conjunto de saberes cujo conhecimento figura como uma das exigências àqueles que pretendem ingressar no ensino superior, como no caso da UFG. Para isso, o Centro de Seleção desta instituição de ensino, responsável pelo concurso, apresenta como eixo de abordagem a leitura-interpretação de obras de diferentes épocas e gêneros do sistema literário nacional e, para cada processo seletivo, indica como leitura obrigatória uma lista de obras – seis títulos – contemplando desde a tradição literária à contemporaneidade brasileira, nos gêneros lírico, narrativo e dramático, nas modalidades poesia, romance, conto e teatro. Os critérios que norteiam a indicação dos títulos, em certa medida, problematizam a questão do cânone, além de garantir aos leitores-candidatos o acesso aos diversos gêneros e à produção contemporânea.

O objetivo primeiro das provas de Língua Portuguesa e Literatura do processo seletivo da UFG é o de avaliar a competência leitora dos candidatos nos diversos gêneros discursivos, com certa ênfase no discurso literário, observando nos textos indicados o projeto estético e os efeitos desses na produção de sentidos, bem como verificar as habilidades de leitura, interpretação e análise de obras da literatura brasileira, relacionando-as aos contextos histórico e estético-cultural.

3 O PROJETO “À COMUNIDADE ESTUDANTIL: UM ACESSO À CRÍTICA LITERÁRIA – SEMINÁRIO DOS LIVROS DO VESTIBULAR/UFG”

Iniciado há aproximadamente vinte anos pela equipe de professores de literatura do Cepae/UFG, o projeto “À comunidade estudantil: um acesso à crítica literária – Seminário dos livros do vestibular/UFG” se caracteriza como uma ação de extensão, portanto, destina-se também à comunidade externa à instituição promotora. O objetivo é o de contribuir, preferencialmente, com alunos vestibulandos de escolas públicas, ou candidatos há muito afastados dos bancos escolares, com pouco ou nenhum

acesso a uma abordagem crítica que amplie sua leitura individual, como se pode ter em escolas privadas, especialmente as preparatórias para o vestibular. O propósito é, pois, proporcionar à comunidade estudantil que pleiteia o ingresso na UFG o acesso a uma leitura crítico-interpretativa dos livros literários indicados como leitura obrigatória.

O evento é realizado no formato de palestras, seguidas de sessão de perguntas dos participantes. Para apresentar a leitura da obra são convidados professores de literatura, os quais apresentam uma leitura crítica do texto, seguida de uma seção de perguntas dos participantes. Além dessa abordagem crítica, é promovida a participação de um ou dois autores das obras indicadas, a fim de possibilitar o encontro do jovem leitor com o autor. A presença do escritor, quando possível, é proposta com o objetivo de desmitificar a figura do criador da obra e, conseqüentemente, aproximar o leitor do próprio texto e do discurso literário, especialmente porque ele pode ver “validada” sua leitura por aquele que ele crê ser a autoridade máxima, o autor. A aproximação do jovem leitor com o escritor da obra se dá, também, na sessão de autógrafos oportunizada pelos encontros.

Muitas são as justificativas plausíveis para a defesa da literatura no contexto escolar. Uma delas é o fato de a escola ser o lugar, pelo menos para a grande massa de crianças e jovens brasileiros, em que ainda se pode garantir o acesso à leitura. Outra, liga-se à *psique* humana, associada a uma espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, para a qual a literatura é uma das modalidades mais complexas que funcionam como resposta. Outra ainda é o fato de que, apesar da presença marcante da imagem, nessa época é por excelência o tempo do escrito, isso porque nenhuma tarefa, hoje, pode ser levada a bom termo sem o recurso da escrita. Segundo o mais recente Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa (2009, p. 66), “De uma maneira sub-reptícia, as palavras reverberam em todas as ações da vida, até mesmo nas que parecem muito distantes da linguagem.”

Retome-se a justificativa de a literatura ser conteúdo cobrado no concurso vestibular.

A leitura literária, ainda que obrigatória, e a experiência subjetiva que ela pode suscitar permitem, independentemente da motivação do ato, avaliar como se dá o encontro do leitor com o texto, considerando o efeito que este provoca naquele, ou seja, observar a experiência proporcionada pela recepção de uma obra literária. No referido projeto, o que antes se colocava como uma ação essencialmente pragmática, para atender a uma de-

manda realizada sob coerção e motivada por um objetivo de certa maneira alheio à função da literatura – a aprovação no vestibular –, alcançou outra dimensão, na medida em que corroborou uma prática de leitura provocadora da experiência estética e promotora do conhecimento de si, uma das funções da literatura. Para ilustrar essa constatação dos desdobramentos do projeto, apresentam-se aqui um “caso de leitura” e algumas considerações em torno dessa experiência exemplar.

4 A LEITURA DO ROMANCE *DESMUNDO*: UMA EXPERIÊNCIA ÍNTIMA E SINGULAR

A escritora Lygia Bojunga Nunes (1988) nomeia de *casos de amor* suas experiências de leitura que a marcaram e garantiram a constituição de sua subjetividade como leitora. Nela inspirada, denomino igualmente como “caso” a experiência de leitura vivida por uma aluna de terceiro ano do ensino médio, que aqui passo a narrar, com o intento de refletir sobre o alcance da literatura, ensejado pela leitura da obra somada ao encontro da leitora com a autora, oportunizado pelo projeto de extensão em questão.

Desmundo, de Ana Miranda (1996), romance que compôs a lista de obras literárias indicadas para o processo seletivo do vestibular UFG/2006, foi o pivô do caso dessa leitora particular, protagonista de uma trama mercedora de ser narrativizada, tanto pela força de significação quanto pelo interesse que ela pode oferecer para as investigações sobre a recepção leitora. O prefixo *des*, compondo o título da obra, indicia a negação na palavra *desmundo* e será marca nos conflitos que sustentarão a trama, mas está longe de apontar qualquer indício de negação da experiência estética; ao contrário, cumpre o papel de instaurador da *desordem*, do *desconcerto* do leitor diante do texto cujo título, por si só, indicia a tonalidade poética do discurso literário, além, evidentemente, de chamar a atenção pelo inusitado da construção vocabular.

É possível considerar de antemão que os alunos-leitores seriam motivados a ler o romance de Ana Miranda com o propósito único de responder às questões da prova. Contudo, o que ocorreu a uma leitora em especial – uma garota de 16 anos – contraria as expectativas previstas na leitura-tarefa-escolar. Em razão da mágica operada pela experiência estética vivida pela jovem com a leitura do romance *Desmundo*, o que se viu foi o arrebatamento da leitora, o que se pode avaliar como experiência resultante

de seu encontro com a personagem e a autora. A abordagem, portanto, partirá do encontro dessas três figuras femininas: a aluna-leitora, Oribela, a protagonista, e Ana, a escritora. É sobre esse encontro que se passa a discurrir, sem negar evidentemente que se trata de uma interpretação, com o propósito de tecer algumas considerações acerca da leitura literária e os efeitos dessa experiência sobre a leitora.

Inicia-se com um recorte do primeiro capítulo do livro – “A chegada” –, que narra justamente o momento em que Oribela, a protagonista da trama, aproxima-se da nova terra. O propósito com a citação é de dimensionar a condição da personagem.

A vista de uma colina distante tangeu dentro do meu coração música de boas falas, com doçainas e violas d’arco, a ventura mais escondida clareia a alma. Ali estava bem na frente a terra do Brasil, eu a via pelos estores trelaçados, lustrada pelo sol que deitava. Uxtix, uخته, xulo, cá! Verdadeira? Tão pequena quanto pudesse eu imaginar, lavada por uma chuva de inverno, verde, umas palmeiras altas no sopé, por detrás de nuvens de tapeçaria, véu de leve fumo. Hio, hio, huhá. Espantada que a alegria pudesse entrar tão profundamente em meu coração, em joelhos rezei. Deus, graças, fazes a mim, tua pequena Oribela, a mais vossa mercê em idade inocente, um coração novo e um espírito de sabedoria, já estou tão cegada pela porta de meus olhos que nada vejo senão deleitos, folganças do corpo, louvores, graças prazentes e meu coração endurecido, entrevado sem saber amar ou odiar. Assim como o azeite acende o lume, a vista acende o desejo. Dá a mim a graça de muitas lágrimas com que lavar o meu sonho, maior que meu corpo. (Miranda, 1996, p. 11)

Talvez a curiosidade e a expectativa da aluna-leitora diante do romance não tenham sido tão grandes quanto o desejo de vida nova, de Oribela, ao vislumbrar terra, após tantos dias no mar. Mas não é impossível afirmar que, assim como a vista da colina distante *tangeu* o coração da jovem órfã portuguesa, a delicada e intrigante imagem que ilustra a página de abertura do capítulo e aponta para sentidos inusitados acerca do conflito, operou na aluna-leitora uma inquietação. E, me apropriando novamente de palavras da autora, “assim como o azeite acende o lume e a vista acende o desejo” (Miranda, 1996, p. 11), a imagem daquela pequena e frágil figura feminina, atributos que tanto podem se aplicar agora à personagem de nome Oribela quanto ao ser delineado no fino traço da ilustração, certamente acendeu na

aluna-leitora o desejo de ler. Texto e imagem se concorrem para a sua percepção da obra. Isso é possível afirmar, dadas as alterações que se fizeram perceptíveis no comportamento da aluna no decorrer das aulas e que culminaram num vertiginoso envolvimento dela com a obra, declarado no momento do encontro com a autora em carne e osso.

Para o estudioso da leitura Jorge Larrosa (2005, p. 31), citando o pensamento de Nietzsche, “Lê-se com os olhos, mas também com o olfato, com o ouvido e com o tato, com o ventre, inclusive com a ajuda de martelos e bisturis”. O leitor pode ser capaz, afirma o autor espanhol, de dançar, embalado pela leitura. O que ocorreu com a aluna-leitora foi um forte encantamento com o romance, incluindo a ilustração – de autoria da própria Ana Miranda –, a ponto de essa experiência de leitura lhe ter provocado o desejo de tatuar uma das imagens do livro em seu corpo. Assim ela informou à autora e lhe pediu licença. Licença para marcar em sua alva pele aquela imagem; licença para usufruir ao máximo daquele livro que a marcara. O que sucedeu àquela garota, assim é possível interpretar, foi o desejo de viver, literalmente no gesto de tatuá-la em seu corpo, aquela história. História de quem? Oribela, Ana ou da leitora?

Pode-se afirmar que esse movimento aqui narrado certamente resultou de uma prática de leitura que extrapolou a percepção do significado das palavras, que permitiu à leitora perceber-se “vivendo” o texto, afinal, a leitura pressupõe a suspensão momentânea do juízo, prevê que se guarde silêncio, mantenha-se retirado e escute (Larrosa, 2005, p. 15). Não se imagina diferente a experiência dessa aluna, já que o que se pode perceber foi certa “afinidade vital” entre a leitora e o livro; a assimilação, pela leitora, do que o romance tinha de força, “de alado e dançarino”, nas palavras de Larrosa (2005, p. 23).

Talvez ela nem soubesse o que buscava, talvez tivesse mesmo somente a intenção de preparar-se para o processo seletivo no qual deveria ser aprovada para ingressar na universidade. Mas o que encontrou foi a si mesma. A literatura na escola teria servido para o vestibular ou para a vida? Ou para os dois, já que o primeiro está contido no segundo. Segundo Regina Zilberman (2008, p. 23), “A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história”. Entre as várias notas para chegar a uma definição de leitor ideal, Alberto Manguel (2009, p. 33) apresenta a seguinte: “O leitor ideal não segue uma história: participa dela.”. O desejo de tatuar uma das imagens que ilustram

o livro pode ser considerado também o desejo de participar de *Desmundo*; uma forma de arrebatamento sofrido pela leitora.

À pergunta sobre qual o sentido do literário para o jovem leitor, ou o que o romance *Desmundo* terá deixado como legado à aluna Carol, além da tatuagem no corpo, caso tenha sido feita, deixo algumas indicações. No dia da formatura, ela, radiante em sua beleza adolescente, aproximou-se de sua professora de literatura e a apresentou a seus pais, afirmando, sem cerimônia e sem aviso, que ela teria sido sua psicóloga durante todo o ano. Foi de susto a reação da professora, diante de revelação no mínimo comprometedora, mas de imediato veio-lhe a explicação, que sem pressa expôs principalmente aos pais da garota: “Eu, ou que lêramos durante todo o ano?”. Aqui é possível retomar a ideia de que a literatura cumpre um certo tipo de função psicológica, que atenderia a uma necessidade vital de ficção e fantasia (Candido, 1972). Com ou sem tatuagem, no íntimo a professora sabia que aquela experiência provocada pela leitura do romance *Desmundo* marcara a jovem aluna. Naquele final de ano, ela, como a pequena e frágil Oribela, teria de se colocar diante da vida que se lhe apresentava como uma incógnita. A primeira, na chegada à nova terra; a segunda, na entrada para o mundo adulto, representado pela formatura no ensino médio e próximo ingresso no ensino superior.

O desejo da aluna de marcar sua pele com um *traço* do romance demonstra seu interesse em “ver para além” da obra, de certa maneira tomar parte na história de Oribela. Não se trata apenas de gosto pela imagem que serve de ilustração das páginas iniciais dos capítulos. Ainda que a tatuagem tenha ficado apenas no plano do desejo, ao manifestá-lo, a aluna-leitora manifestou igualmente uma capacidade de interrogar sua própria história e buscar conhecer-se, o que aos dezesseis anos estava apenas começando. Assim, a leitura literária pode servir a um propósito como o da realização de uma prova, ou como entretenimento, mas certamente serve mais significativamente à aprendizagem de nós mesmos, daquilo que

somos e como somos em nossa integridade humana, com os nossos altos, os nossos sonhos e os nossos fantasmas, a nós e na urdidura das relações que nos ligam aos outros, em nossa presença pública e no segredo de nossa consciência, essa soma extremamente complexa de verdades contraditórias – como as chamava Isaiah Berlin – de que é feita a condição humana. (Llosa, 2009, p.66)

É flagrante, nos momentos dedicados às perguntas ao escritor, quando da realização dos seminários, a curiosidade dos leitores por aspectos bastante alheios às questões muito específicas da obra em discussão, ou seja, a particularidades da obra cuja apreensão possa servir de avaliação em questões da prova do vestibular. Isso demonstra que a leitura da obra literária pelos vestibulandos, apesar de ser uma prática motivada por uma indicação, mais que isso até, uma imposição, já que é exigência do processo seletivo, alcança um efeito para além da obrigatoriedade, cumprindo a função primeira da literatura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode apresentar como conclusão dessas reflexões é que, apesar do poder exercido pelas instâncias em que se situa a atividade leitora, há no texto literário um espaço, uma brecha, cuja possibilidade de ocupar é dada somente ao leitor. Isso porque o discurso literário tem a peculiaridade de escapar aos controles por não ter a *obrigação* de explicar, dar respostas mas, ao contrário, lançar perguntas direcionadas à compreensão do mundo, numa relação que passa antes pelo simbólico e pelo imaginário. Assim, nem o professor que prepara o aluno, tampouco ao elaborador da prova que determina o enfoque ocupariam esse espaço destinado ao leitor; dito de outra forma, se o acesso à obra é dado ao leitor, não é possível impedir completamente sua entrada no jogo discursivo do texto. Trata-se da compreensão responsiva-ativa no movimento da interlocução verbal (Bakhtin, 1997). Por isso mesmo os sentidos escapam às interdições; podem ser cercados, mas não impedidos, tampouco esgotados, uma vez que a linguagem e conseqüentemente a leitura estão em constante acabamento.

Assim, não se trata de se preocupar com o fim ou não da literatura, afinal, há os escritores (agora com maior facilidade de publicação, com o suporte eletrônico), os editores e livreiros e também os leitores, que não deixarão o gênero literário expirar. Com certeza, a literatura não sucumbirá. Contudo, trata-se, antes, de uma preocupação com a socialização de uma manifestação artística a um número muito grande de sujeitos que, a não ser pela via escolar, poderão ficar alheios a esse bem cultural.

Evidentemente não são todos os participantes dos seminários que logram êxito em sua prova do vestibular, mas pela sua participação durante e após o evento, observando suas interferências por meio das perguntas

endereçadas ao professor e sua interlocução com o escritor, quando este esteve presente, ou ainda seu comportamento em sala de aula (no caso meus alunos –, posso constatar que o projeto cumpre uma função que vai além de seu propósito inicial, como já se disse, preparar para o vestibular. Uma interessante investigação é buscar os alunos nos cursos superiores para saber sobre suas leituras literárias, e sua relação com a literatura, uma pesquisa que interessa-me desenvolver.

Por essa exposição, espera-se que este artigo tenha atingido seus dois propósitos: reafirmar a relevância do projeto de extensão “À Comunidade Estudantil: um Acesso à Crítica Literária – Seminário dos Livros Literários do Vestibular”, realçando-o como parte da história do Cepae/UFG e, ao mesmo tempo, evidenciar aquilo que, na superfície do discurso institucional, como a obrigação de atuar na instância da extensão, acaba por ficar encoberto mas não deixa de pulsar no coração da proposta do referido projeto: a formação do leitor literário.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v. 24, p.803-809, 24 set. 1972.

CENTRO DE SELEÇÃO DA UFG. *Manual do candidato*. Disponível em: <http://www.vestibular.ufg.br/ps2009-2/home.htm>. Acesso em 30 jun. 2009.

LARROSA, J. *Nietzsche e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LLOSA, M. V. Em defesa do romance. *Piauí*, São Paulo, v. 37, p. 64-69, out. 2009.

MANGUEL. A. Notas para uma definição do leitor ideal. In: _____. À mesa com o Chapeleiro Maluco. *Ensaio sobre corvos e escrivaniinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.33-37.

MIRANDA, A. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NUNES, L. B. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

ZILBERMAN, R. Sim, a literatura educa. In: SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. 2.ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2008.